

A EUFORIA DAS RECONSTRUÇÕES APÓS 1654

Fernando Guerra

RESUMO

Após a expulsão dos holandeses em 1654 o Nordeste, que era a única região economicamente brasileira de importância, restaurou, em grande parte, a sua arquitetura. Da Metrópole recebeu, então, o estilo nacional português, que vem caracterizar as primeiras manifestações do Barroco; O Maneirismo, até então empregado na península, cede lugar a e exuberância do Barroco, com a sua ornamentação requintada, promovendo uma nova leitura espacial; Por outro lado, a arquitetura vernacular mantinha-se presente, com os modelos vindos de Portugal e largamente empregados na colônia. Com a reocupação das cidades pelos portugueses, tem início uma espécie de campanha de reconstrução, sendo erguidas uma série de edificações religiosas de grande vulto, sob o gosto da arquitetura portuguesa da época, vindo a se registrar no Nordeste, após a expulsão dos holandeses, uma euforia de construções e reconstruções de igrejas e de conventos, isso a partir do final do século XVII e em todo o século XVIII. Com o aumento a olhos vistos da população na colônia a Igreja precisava mais e mais de novos templos para os seus fiéis, cabendo às Ordens Religiosas, importante papel nessa tarefa de construir, especialmente os franciscanos e os carmelitas. O Recife, que sempre se debatia com Salvador - crescerá urbanisticamente após a saída dos flamengos, iniciando, então, uma série de edificações religiosas de grande porte; são construções notáveis como a igreja da Madre de Deus, ou o convento carmelita do Recife, ou, ainda, a monumental igreja de São Pedro dos Clérigos, todas exemplarmente barrocas.

O final do século XVII e início do XVIII constituem um referencial básico para a compreensão de um momento histórico que representa, antes de tudo, uma considerável mudança das atividades econômicas da colônia, com a ascensão das minas e a decadência da agricultura. Caio Prado Júnior¹ (1) revela que: “coincide com esta causa interna de decadência o novo equilíbrio internacional do Século XVIII. Desenvolve-se plenamente a política do “Pacto Colonial” – elaborada pelas potências concorrentes de Portugal no ultramar, particularmente pela França e Inglaterra – destinado a reservar o mercado nacional de cada país às produções de suas respectivas colônias, e o comércio à marinha de sua bandeira”.

Quando surgiu, em Salvador e em Recife, especialmente, o estilo barroco modificou, do ponto de vista de modenatura, o interior das Igrejas, preservando o aspecto tectônico do templo. Essa primeira fase é chamada de nacional português e representa, portanto, as suas primeiras manifestações.

Assim, no processo de colonização portuguesa do Brasil coube à faixa litorânea um maior desenvolvimento inicial, com o aparecimento de pequenos núcleos populacionais, algumas cidades e, naquele primeiro século, a presença de alguns edifícios que refletiam o maneirismo então considerado. Com a invasão holandesa que, conforme José Luiz Mota Menezes, “teve grande significação para o Recife diante da decisão de abandonar e incendiar Olinda, em 1631, resultando em que a ocupação do Recife amplia-se o espaço habitável na edificação de um maior número de casarões existentes”, tal povoação, que evoluiu das 40 (quarenta) casas de antes da invasão nos é reconhecida através das pinturas de Franz Post, entre 1637 a 1643.

Tal ocupação no Nordeste durou cerca de 24 anos, e, se por um lado representou alguns aspectos negativos – como o incêndio que destruiu Olinda e a abrupta paralisação de construções das ordens Religiosas no

¹ PRADO JÚNIOR, Caio. História Econômica do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Estado, trouxe, por outro lado, inúmeros benefícios aos seus moradores, como o aterro das áreas alagadiças, novas edificações, aberturas de ruas, e canais, etc, e uma nova cidade (Recife, a Stad Mauritia dos Holandeses). Mais tarde, quando da expulsão dos flamengos, parte das edificações deixadas foram destruídas pelos portugueses, salvo raríssimos exemplares.

A reocupação das cidades através dos portugueses – com uma campanha de Reconstrução – inspirou as construções de uma série de monumentos religiosos e votivos, sob o gosto da arquitetura portuguesa da época, tanto no aspecto do urbanismo, quanto no aspecto de modenatura. Há de se registrar certamente, em todo o Nordeste, após o término da ocupação holandesa, a retomada em forma de euforia geral das construções e restaurações de Igrejas e conventos, especialmente entre as ordens Franciscanas e Carmelitas. Nesse sentido, o século XVIII é a afirmação da Arte Portuguesa no Brasil. É o século do ouro e das grandes produções artísticas, de inúmeras construções em toda a faixa do litoral e no interior, no caminho dos bandeirantes, especialmente na Região das Minas Gerais. É sob este aspecto novo, de novas formas revolucionárias que o barroco vai erigir as Igrejas de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, no Rio de Janeiro; de São Pedro dos Clérigos, no Recife; de Nossa Senhora da Conceição da Praia, em Salvador; de Santo Antônio de João Pessoa; de São Francisco de Assis, e, ainda, a de Nossa Senhora do Rosário, ambas em Ouro Preto.

O Nordeste do século XVII era, na verdade, a única região do Brasil com uma economia considerável, o que proporcionou, desta forma, um grande surto de importantes edificações. Absorvendo o estilo barroco, opondo-se à rigidez do maneirismo, criou-se uma nova linguagem espacial baseada na ornamentação exuberante, uma linguagem de reafirmação do poder da fé, onde o catolicismo reagiu alardeando a exaltação mística e o delírio dos sentidos. É importante considerar, entretanto, que essas manifestações de arquitetura monumental não atingiram a todas as classes – nas classes mais populares verificava-se um tipo de arquitetura vernacular originária da

cultura portuguesa adaptada, especialmente às formas, padrões e conteúdos de miscigenação da Colônia.

As novas diretrizes estéticas estabelecidas pelo Concílio de Trento (1563) funcionaram na verdade, como instrumentos de apoio e de propaganda ao novo movimento da Igreja, o da Contra-reforma, consolidando, historicamente, o poder das monarquias absolutas. Contudo, no momento em que a Europa se revestia de barroco, Portugal mergulhava em seu declínio maior com a unificação dos Reinos e domínio da Espanha, entre 1580 e 1640. Notadamente, esse declínio teve reflexos irrecuperáveis no seu contexto histórico cultural e, somente a partir da reconquista do poder, em 1640, é que Portugal evidencia o novo estilo e o impulsiona para o século seguinte.

A partir da segunda metade do século XVII, inúmeras ruínas vão sendo reconstruídas – erigindo-se paredes, organizando-se espaços, reformulando-se frontispícios, muitos dos quais obedecendo aos novos modismos, com interiores recriados, uma nova leitura. Importante salientar que, nessas reconstruções portuguesas, verificamos nas ordens religiosas, especialmente, uma euritmia de composição arquitetônica, comportamento inteiramente adverso observado quando se tratava da arquitetura popular.

De longe e, sobretudo, pelo incontestável sentimento religioso arraigado ao espírito português, é a arquitetura religiosa – das igrejas, dos conventos e dos mosteiros – a maior manifestação artística do período colonial pelo esplendor da sua obra arquitetônica e pelo requinte da sua profusa decoração. Contribuíram, comumente, o considerável aumento da população na colônia – o que necessitaria de mais e mais igrejas para os seus fiéis – e o inegável esforço das Ordens Religiosas (já amplamente instaladas no território) em reconstruir e ampliar os seus edifícios.

Após a expulsão dos jesuítas em 1759, várias de suas propriedades e colégios foram abandonados, perdendo-se, assim, na colônia, uma

considerável parcela – talvez a única – de ação religiosa e educativa como as missas, as reuniões afetivas, as conversões etc. Tal ausência sentida resultou no aparecimento das Ordens Terceiras – Carmelitas e Franciscanos, por exemplo - compostas por “gente de bem” que eram profissionais liberais conceituados ou membros de famílias da região etc., e, também, a Irmandade do Rosário, onde os negros se superavam em suas construções.

O Recife, rivalizando-se com Salvador, crescerá consubstancialmente com a saída dos holandeses, período em que desde a segunda metade do século XVII, serão iniciadas inúmeras construções religiosas.

São construções notáveis de apurado gosto arquitetônico, como a Madre de Deus (do primeiro quartel do século XVIII), o Convento dos Frades Carmelitas, os Jesuítas com sua nova Igreja, os Franciscanos que ampliaram o seu convento e duas belas damas do barroco brasileiro, as Igrejas de São Pedro dos Clérigos e de Nossa Senhora da Conceição dos Militares.

A Igreja de São Pedro dos Clérigos iniciada em 1728, segundo projeto do mestre Manuel Ferreira Jácome, nos trás algumas apreciáveis modificações, como a nave em forma de dodecágono, corredores laterais e sacristia atrás da capela-mor. Além do detalhe da nave, todo seu interior é riquíssimo em retábulos do rococó e pela excelente pintura em perspectiva ilusionista de autoria do mestre João de Deus Sepúlveda. A sua fachada, em arenito de praia, com uma exuberante portada em cantaria, apresenta um goticismo incomum na arquitetura brasileira.

Com uma maior liberdade de composição barroca a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, de autoria do mestre Antônio de Matos, do século XVIII, apresenta nave em forma de salão com retábulos variáveis entre o nacional português e o Joanino em virtude das inúmeras intervenções sofridas. Em sua fachada, a cornija superior em dupla curvatura e o alto frontão com elegantes volutas, fazem uma bela composição do rococó. A torre do

evangelho, única na fachada, ergue-se majestosa coberta por campanário alto e recortado com coruchéis bulbosos e em tochas.

Ainda, a imensa matriz de Santo Antônio, do final do século, em frente à Praça do Diário de Pernambuco, diferente do Carmo, apresenta as duas torres com cobertura complexa bulbosa, frontão recortado com volutas encimado por cruzeiro e, logo abaixo vemos a cornija recurvada por três vezes, em meio círculo, guarnecendo três óculos.

A Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Militares teve a sua construção no final do século XVIII. Apresenta nave única com capela-mor e sacristia, com dois corredores que se ligam à fachada e, na parte superior, encontra-se o consistório, com uma única torre, do lado do Evangelho, trabalhada desde o térreo com porta de acesso, janela – na altura do coro – óculo e janela sineira superior. Seu frontão, pintado em branco, traz alguns desenhos estriados em volutas, encimado pelo cruzeiro. É obra do século XIX.

A sua obra de talha, segundo Germain Bazin², da capela-mor remonta em torno de 1740, portanto, dentro do início do estilo Joanino. Como a talha foi realizada em épocas sucessivas, vamos ter o que o arquiteto Lúcio Costa chamou de o 3º tipo, ou seja, após 1760, se enquadrando na terceira fase do barroco mineiro – a talha do período rococó.

A pintura do forro da nave retrata a figura da Virgem de pé, trazendo na mão direita, sobre o peito, o Espírito Santo, representado por uma pomba e, na outra mão um ramo com lírios. É erguida por uma legião de anjos, arcanjos e serafins. É uma obra notável.

Na Paraíba, dentre tantos exemplos, merece destaque o convento Franciscano de Santo Antônio – em João Pessoa – um dos maiores exemplos, da arquitetura franciscana do Brasil. Após o domínio holandês inicia-se o

² BAZIN, Germain. *Arquitetura Barroca Religiosa no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1983.

processo de sua recuperação e, no início do século XVIII, os irmãos terceiros constroem a sua Capela da Ordem Terceira.

Encerra, além de elegante fachada, um magnífico adro fechado por muros profusamente decorados com azulejos e esculturas, e um elegante cruzeiro.

Possuí, além de belíssimos retábulos, Joaninos dourados, obras magníficas de pintura em perspectiva em sua nave e na sacristia. Ainda, além de São Francisco, merece registro o Convento do Carmo, construído no final do século XVIII e a Igreja de São Bento, da primeira metade do século XVIII.

O Dr. Robert Smith em seu trabalho “Arquitetura Civil no Período Colonial” assim descreve o processo de reconstrução e construção na colônia: “A maioria das Igrejas, que são a glória de sua arquitetura, foram construídas ou ampliadas no século XVIII, e eram produtos da riqueza resultantes em exportações pernambucanas, de açúcar, tabaco, couro e de madeiras consideradas as mais preciosas do Brasil. Era tão grande o seu movimento, que 1774 o Recife era considerado, “a mais opulenta cidade da América Portuguesa”, por causa do seu vasto comércio e o volume de navegação continuamente entrando no seu porto... e os escritores setecentistas celebraram as belezas do Recife; poucos artistas no entanto apresentaram sua aparência, e os inúmeros panoramas que se podem encontrar, jamais foram publicados”.

Fernando Guerra

Arquiteto e Professor da UFPE.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOLTSHANSER, João. História da Arquitetura. Belo Horizonte: UFMG, 1969.
- BAZIN, Germain. Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- MENEZES, José Luiz Mota. Dois Monumentos do Recife. São Pedro dos Clérigos e N. Sra. da Conceição dos Militares. Recife: FCCR, 1984.
- PRADO JÚNIOR, Caio. História Econômica do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- SMITH, Robert C. Arquitetura Civil no Período Colonial, in Arquitetura I. São Paulo: FAUUSP/MEC/IPHAN, 1975.
- TOLEDO, Benedito Lima de. Maneirismo, Barroco e Rococó in História da Arte. Coord. Walter Zanini. São Paulo: Banco Moreira Sales, 1985.

NOTA SOBRE O AUTOR: Fernando Guerra é Arquiteto, Historiador, Acadêmico e membro da UBE/PE, e do IAHGP. Doutourando em Arqueologia e Preservação do Patrimônio (UFPE) e Professor da UFPE.